

O uso terapêutico do Estêncil Grafite com adolescentes na Oficina de Artes do CAPS-ad Cascavel

Antonio Carlos Machado

Resumo: Este trabalho trata do relato de experiência do uso terapêutico do Estêncil Grafite como atividade expressiva com adolescentes em tratamento por uso e abuso de substâncias psicoativas (álcool e drogas), realizado na oficina de Arte e Expressão do Centro de Atenção Psicossocial – álcool e drogas (CAPS-ad) na cidade Cascavel - Paraná. Há 6 anos, utiliza-se o estêncil grafite como atividade expressiva no plano terapêutico dos adolescentes usuários de álcool e drogas, obtendo resultados como: a vinculação e aceitação do tratamento, melhoria da autoestima e valorização pessoal, além da coloração e singularização do ambiente do CAPS-ad Cascavel, transformando suas paredes num espaço de fala e escuta dos jovens vinculados ao tratamento.

Dessa forma, constrói-se e ressignifica-se o ambiente em espaço coletivo de troca e acolhimento aos jovens em tratamento ou aos que passaram por este serviço de saúde.

Palavra chave: Arte-educação. Arteterapia. Adolescentes. CAPS-ad. Estêncil Grafite.

Abstract: This report deals with the experience of the therapeutic use of Stencil Graffiti as expressive activity with adolescents in treatment use and abuse of psychoactive substances (alcohol and drugs), performed in the workshop of Art and Expression of Psychosocial Care Center - Alcohol and drugs (CAPS-ad) in the city Cascavel - Paraná.

For 6 years we are using the stencil graffiti as an expressive activity and practice in treatment of adolescent users of alcohol and drugs, obtaining results such as: linking and acceptance of treatment, improving self-esteem and personal development, as well as coloring and single out environment CAPS ad Cascavel transforming your walls in a space of speaking and listening youth linked to treatment. Thus, it builds up and reframes up the environment in the collective space of exchange and host youth in treatment or who have gone through this health service.

Keywords: Art education. Art Therapy. Teens. CAPS-ad. Stencil Graffiti.

1 INTRODUÇÃO

“Nas paredes e muros do CAPS-ad de Cascavel, encontramos registro de imagens repleto de cores e formas que marcam histórias de vidas de jovens ainda em formação, imagens estas apropriadas/escolhidas para deixar marcas e expressão de cada um que por aqui passou e deixou sua memória.” (Machado, A.C., 2010.)¹

O Centro de Atenção Psicossocial – álcool e drogas (CAPS-ad) de Cascavel/PR é um serviço especializado no tratamento do uso de substâncias psicoativas que atende crianças e adolescentes². Este serviço ambulatorial faz parte da rede de saúde do município, foi inaugurado em 24 de julho de 2004, prestando atendimento diário nas seguintes modalidades: intensivo, semi-intensivo e não intensivo no período matutino e vespertino.

Este relato de experiência é resultado de atividades desenvolvidas ao longo de seis anos na oficina terapêutica de Artes do CAPS-ad Cascavel, onde utilizamos de técnicas de representação visual, neste caso, o Grafite como atividade expressiva aplicadas com crianças e adolescentes em tratamento ou que passaram por esse serviço de saúde.

A escolha do estêncil grafite como forma de atrair o jovem para participação da oficina de Artes, pois eles espontaneamente se interessavam na possibilidade de deixar sua marca ou assinatura nas paredes da unidade. Observamos logo que iniciamos as atividades do CAPS-ad em 2004 que muitos jovens, numa atitude agressiva, marcavam e riscavam as paredes da unidade com seus nomes ou codinomes (apelidos) das ruas. Percebemos que o fato de gostarem de marcar suas presenças poderia ser uma boa maneira de vinculá-los ao serviço como também criar uma postura de mudança positiva em relação à realidade que viviam.

Notamos que com o uso do estêncil grafite, poderíamos criar um novo padrão

1 Antonio Carlos Machado é Artista Plástico, trabalha como orientador de Artes do CAPS-ad Cascavel. Formado em Ed. Física pela UEL-PR, 1986; Pós-graduado em Linguagem, Cultura e Ensino pela Unioeste – Campus de Foz do Iguaçu-PR, 2008, Pós-graduado em Arteterapia pela Faculdades Itecne - Cascavel, 2010 e em Arte Educação pela ESAP-PR – 2012.

2 O CAPS-ad Cascavel considera criança e adolescentes indivíduos até 18 anos incompletos.

de comportamento que promovesse a mudança do ato agressivo, transgressor de pichar (proibido) para o ato positivo, expressivo e “legal” em todo sentido da palavra.

Para diferenciar e entender melhor o que é o grafite e a pichação, utilizaremos a definição feita em 1998, pelo Instituto Cultural Itaú para diferenciar e entender estas duas manifestações de rua, que mostra claramente como a sociedade percebe estas ações urbanas.

Pichação é marca de pequenas tribos urbanas – eventualmente tratadas como gangues e invariavelmente perseguidas pela polícia – ou marcas individuais de quem, excluído da participação ativa no espaço público, intervém com o ideário e os instrumentos que tem à disposição. Enquanto pouco a pouco o grafite vai sendo apropriado pela classe média como forma de arte, que, se não incentivada, pelo menos não é perseguida, a pichação permanece como marca de um suposto vandalismo. A atividade desses obscuros quase-cidadãos representa o ápice da ocupação do espaço urbano, o ápice da insurgência desfocalizada. (Cultural, São Paulo, 1998, s/nº. p.)

Por isso fica claro, o que era antes proibido (escrever os nomes e apelidos), o que era uma pichação, um ato de vandalismo e agressão às paredes e equipamentos do CAPS-ad poderia passar a ser um meio de comunicação que não precisaria ser clandestino. Pelo contrário, poderiam aprender como desenhar, como criar uma assinatura e ainda aplicá-las nas paredes e muros da unidade como forma de personalizar a unidade, criando uma nova identidade visual ao local aberto a trocas, fala e escutas, e, conseqüentemente, tornando-o mais alegre, jovem e singular.

Segundo Villaça (*apud* Gitay, 1999 p.26), “analisava os pichadores como desesperados artisticamente – eles são a obra. Suas assinaturas precedem essa obra como se, autoassinando, o pichador queira dizer “Eu existo”. Conseqüentemente, o pichador não se prende ao artístico; para ele existe só o próprio valor da existência”. É sob esse ponto de vista, do subjetivo de existir e de mostrar-se presente, que buscamos trabalhar como processo terapêutico, de se reconhecer e ser reconhecido como indivíduo com história, gostos, valores e qualidades.

As atividades de artes e expressão desenvolvidas neste Centro de Atenção fazem parte do grupo de oficinas e atividades terapêuticas que são realizadas pelos adolescentes, dentro do plano terapêutico individualizado elaborado pela equipe técnica

da unidade, levando em consideração os interesses de cada adolescente; as necessidades de reabilitação, prevenção e aquisição de novas habilidades.

Nagem escreve:

A Arteterapia auxilia o processo de individuação do sujeito, que possibilita o desenvolvimento de potenciais latentes e do auto-conhecimento. Ao desenvolver esse seu potencial, pela aquisição da liberdade e da autoconfiança, a pessoa torna-se capaz de superar seus próprios problemas, enquanto segue configurando o seu caminho de transformação psíquica e material. (PHILIPPINI, 2007, p. 23)

Escolhemos o estêncil grafite como atividade artística e expressiva, para criar um elo de comunicação atendendo aos interesses e à linguagem dos adolescentes em tratamento, pois muitos têm nas ruas sua escola de vida e na droga seu meio de sobrevivência e relações de troca. Além de trabalhar as habilidades: físicas, motoras, cognitivas, psicológicas e sociais, estas muitas vezes prejudicadas ou perdidas pelo uso compulsivo de álcool ou drogas, buscou-se, por meio das oficinas terapêuticas, recuperar e ajudar os adolescentes a resgatá-las.

Ao utilizamos as paredes e o espaço da unidade do Caps Ad, reforçamos a idéia de Renata Silva (2003, p.54), que o espaço urbano não é um vazio, um quadro neutro, ou algo inerte, mas sim repleto de significados e possíveis leituras, pois reflete a sociedade, a história, as diversidades, os contrastes etc.. Estas marcas e registros ou inscrições “do e no” espaço urbano podem revelar possibilidades de análises sócio-históricas, políticas, econômicas, culturais e cotidianas de uma sociedade, auxiliando no entendimento do homem como ser histórico.

O grafite e a pichação, por serem formas contemporâneas de inscrições ou registros urbanos, de alto teor político e social, podem ser utilizados como espaço de leituras, de educação popular e emancipatória. Nesse caso, utilizamos o grafite como instrumento dentro do processo terapêutico, uma forma de expressão artística singular e subjetiva, que provém das ruas e, por ser um meio de comunicação eficiente, conhecido e admirado pelos jovens, demonstrou-se interessante a eles, que se sentiram estimulados a também fazerem seus desenhos e deixar sua marca nas paredes do CAPS-ad Cascavel.

Barbieri (2008) desenvolve a tese a partir da obra de Lygia Clark de que a arte

é capaz de produzir novas representações, reorganizando o discurso, promovendo uma nova dinâmica na economia psíquica e uma subjetividade calcada no desejo. A partir dessa proposição, propusemos aos adolescentes em tratamento a se relacionarem com o espaço (paredes e muros) como veículos de suas falas, criações e desejos, preparando-os com informações técnicas e artísticas para que pudessem elaborar suas ideias e desenhos, numa parceria e intersecção entre a arte e o terapêutico.

Para Jarreau (1994), a atividade estética, ou a criação de formas particulares de significação, parece corresponder à necessidade de marcar diferenças e de facilitar o reconhecimento de pertencas individuais e sociais através da utilização dos emblemas. (PAIN & JARREAU, 1994, p.11). Ao recorrer à atividade do estêncil grafite buscamos fazer com que o adolescente primeiro pensasse na arte como atividade prazerosa, que necessita de conhecimento, do pensamento lógico e intuito para sua criação, da crítica sobre o que será feito, que precisa de tempo para ativar a reflexão de suas escolhas. Tentamos fazer com que o adolescente, por meio da arte, inferisse que era a liberdade de expressão de seu universo interior ou pensamento é necessário para produzir imagens que ele próprio criou ou escolheu para apropriar-se e recriar, utilizando-se da técnica do estêncil (molde vazado). O estêncil grafite como processo para fluir o ato criativo destes adolescentes expressa o “Estado de Arte” que Lygia Clark descreve em sua obra (ROLNIK, 1996), ou seja é escutar e experimentar um novo feixe de sensações subjetivas e singulares que permita a fluidez de processo psíquicos internos que ajudem no processo de existência o que pode tornar-se terapêutico.

Pelo desenho, recorte e pintura, o adolescente busca dentro de si recursos de expressão, para re-elaborar ou construir uma imagem expressiva que mais tarde será passada para a parede através do estêncil grafite, ajudando-o a reforçar sua autoestima e capacidade de fazer algo novo e diferente, que deixe sua marca e marque positivamente sua existência com possibilidades de ocorrerem mudanças e transformações. Esses adolescentes estavam ajudando a construir um novo espaço coletivo, integrando-se ao espaço do CAPS-ad, construindo e predispondo o ambiente da unidade como um lugar de: encontro, escuta, acolhimento, valorização, crescimento e aprendizagem.

Os adolescentes se reconhecem através da linguagem do grafite e da cultura de rua, se encontram em suas manifestações como: a música, a dança, skate (*street ou free*

style) e a moda, no seu jeito de vestir ou comportar-se. Por meio do grafite, podemos redirecionar as manifestações que tem caráter transgressor, que ocupam espaços vazios, em um novo canal de comunicação entre o adolescente e o mundo, que possa enriquecer positivamente sua vida com o fazer dessa arte.

LESCHER, em seu depoimento para o livro *Por trás dos Muros Horizontes Sociais do Graffiti*, realizado pelo Projeto Quixote em São Paulo, assinala que:

Em qualquer suporte, ser expressivo é terapêutico. O terapêutico não é o clínico necessariamente. É o que ajuda você a transformar e a crescer. Pela arte – de uma Poesia, do rap, de um desenho do graffiti – também posso falar do amor, da dor, da consciência coletiva. (BEDOIAN & MENEZES, 2008, p. 52)

Concordamos com esse pensamento e passamos a investir nesse trabalho com os adolescentes. Primeiramente, buscamos diferenciar: “o que é grafite?” e “o que é a pichação?”. Mostramos a eles suas diferenças e aproximações, buscando dar embasamento teórico aos adolescentes através de revistas, livros e imagens pesquisadas na internet num processo que transitou entre o pedagógico e o terapêutico. Dessa forma, compreendemos que esse processo de criação seria uma forma terapêutica, promovendo a participação no tratamento. É importante frisar que muitos jovens ao iniciarem o tratamento não queriam participar das atividades ou mesmo não queriam receber ajuda ou tratamento algum. Em 2004, percebemos que quando propúnhamos esta atividade aos adolescentes eles logo se interessavam e iniciávamos diretamente a pintura e desenho no muro ou paredes do CAPS-ad. O grafite ajudou na aproximação e na promoção para vinculação ao serviço, levando, por meio desse simples ato de aceitação, a uma considerável melhora na participação no tratamento, em sua saúde e bem-estar físico, mental e social destes adolescentes.

No início, os resultados observados com essa ação direta não atenderam aos objetivos esperado nem da equipe técnica nem dos adolescentes, pois muitos só queriam fazer apologias à maconha e ao crack – desenhavam a folha de maconha e o cachimbo - ou então escreviam as palavras “vida loka”, “100% vida loka” etc..

Quando não era isso que acontecia, era o adolescente que não conseguia desenhar ou passar sua ideia para a parede, bloqueando sua criatividade e diminuindo o interesse

na atividade causada pela frustração do resultado do desenho ou da pintura realizada. Por essas questões, foi necessário pensarmos em incentivar a elaboração prévia de um estudo/projeto artístico, ou seja, desenhar antes o que iria ser realizado no muro ou parede e na escolha de uma técnica ou método mais adequada para essa atividade, o que verificamos ser possível com a técnica do estêncil grafite.

Nesse período, muitos adolescentes pediam para pintar com latas de spray, como utilizado por grafiteiros profissionais, mas, por a composição química do spray contar com componentes tóxicos e esses possivelmente poderem ser usados pelos adolescentes como inalantes, substituímos por tintas à base de água e pistola de compressor de ar, rolo de espuma e pincéis como ferramentas para execução das pinturas.

O estêncil é uma técnica utilizada para produção do grafite, por meio do qual o desenho produzido ou apropriado seria passado para o muro ou parede através de um molde (estêncil). A reprodução da imagem ou marca é executado-reproduzida por uma matriz recortada, na qual o recorte determina o que será preenchido pela tinta e o que ficará protegido na matriz, criando espaços vazios a serem preenchidos pela tinta, que formará a imagem desejada. O estêncil permite aplicar diversas vezes a mesma imagem em diversos lugares, sendo utilizada pelos grafiteiros como forma de reproduzir uma mesma imagem várias vezes de maneira rápida, sem ser notado ou percebido.

Ao utilizar essa técnica, criamos a necessidade de um processo de elaboração da matriz como forma de estender o tempo de reflexão, permitindo que o adolescente planeje melhor o que será feito antes de iniciar a ação diretamente no muro ou parede. Isso mostra ao adolescente que a arte exige conhecimento, pesquisa, habilidades que devem ser aprendidas e melhoradas (como a habilidade para desenhar), crítica e reflexão sobre que mensagem ou ideia se quer mostrar.

2 BUSCANDO UM NOVO CAMINHO:

Após esse início conflitante, estabelecemos com os adolescentes uma rotina, um método, embasados nos resultados dessa rápida experiência pela qual havíamos passado. O processo no ateliê está articulado informalmente, seguindo o desejo dos adolescentes, porém, procuramos articular nosso método nos três eixos norteadores indicados nos

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propostos pelo MEC: a produção, a fruição e a reflexão do fazer artístico. Essa informalidade é reflexo de não estarmos preocupados com o conteúdo formal exigido pela escola em sala de aula, mas buscarmos a liberdade do ateliê do artista. O processo depende dos desejos e das ideias de cada participante como também de sua história, conhecimento e familiaridade com a arte e o fazer artístico, sendo o Orientador de Artes um facilitador no processo de aquisição das técnicas de desenho, pintura e recorte e ouvinte ativo de suas falas espontâneas durante o processo de criação.

Objetivando a promoção da aprendizagem dessas habilidades, por meio da reflexão e leitura das imagens escolhidas pelos adolescentes e pontuando e perguntado os motivos das escolhas e quais os possíveis significados que elas têm para o adolescente.

Em cima destas colocações, repassamos essas informações para o grupo terapêutico como instrumento de escuta ativa e de intervenção e apontamentos nas sessões da psicologia.

Iniciamos com o embasamento teórico, buscando despertar o interesse e a curiosidade de maneira muito simples, através dos livros e revistas sobre o grafite e grafiteiros do mundo todo, para mostrar-lhes as possibilidades da técnica e também para começar o processo de diferenciação entre grafite-pichação³.

Como referências teóricas, buscamos apoio nas obras de artista grafiteiros como Gêmeos (SP), Vitché, Nina, entre outros, pesquisados na internet em sites de grafite. Também utilizamos como referência os artistas americanos Basquiat e Keith Haring além de publicações específicas sobre grafite como os livros *Spray Can*, *Street Logo* e *Stencil Graffiti*, e as revistas especializadas em Grafite, Skate e RAP.

Abaixo algumas imagens tiradas pelo autor na cidade de Cascavel, usadas para demonstrar a diferenças entre o grafite e a pichação.

3 Grafite e Pichação são manifestações urbanas que apesar de usarem o mesmo suporte (a cidade e os muros) e os mesmos materiais (tintas e sprays), recebem tratamentos diferentes pela sociedade, enquanto o grafite provém da artes plásticas (imagens) estes geralmente são coloridos, são mais aceitos, apreciados e entendido. Já a pichação provém da escrita, geralmente são escritas com codinomes e frases de efeito /crítica, são em uma ou duas cores, não são aceitos ou entendidos, são perseguidos e combatidos pela polícia que considera crime de destruição de patrimônio, passível de punição e prisão.



Foto 1



Foto 2

Fotos 1 e 2 - Pichação no muro do Clube Tuiuti em Cascavel, 2006 e exemplo de grafitagem em frente ao Colégio Auxiliadora em Cascavel, 2006.



Foto 3



Foto 4

Fotos 3 e 4 - Adolescente grafitando o muro do CAPS-ad Cascavel com tinta à base de água e pistola de ar comprimido, 2005/2006.

Feito esse primeiro trabalho de familiarização com a arte, passamos a utilizar o seguinte método para realização das atividades de grafitagem: **1º Passo** – Pesquisa, criação e escolha da imagem a ser reproduzida na parede ou muro:





Imagem 1 – Desenho escolhido pelo adolescente a ser realizado o grafite.

2º Passo – Ampliação em escala para espaço urbano:



Fotos 5, 6 e 7 – Ampliação do desenho escolhido e transferência para papel duplex 250grs.

3º Passo – Recorte do molde em papel cartão duplex 250 grs e teste de cor na parede do atelier:



Fotos 8, 9 e 10 – Adolescente recortando o molde vazado ou estêncil com estilete.

4º Passo - Aplicação do estêncil grafite na parede que o adolescente escolheu:



Fotos 11, 12 e 13 – Aplicação/pintura do desenho na parede.



Foto 14



Foto 15

Fotos 14 e 15 – Desenho terminado e aplicado no papel e na parede.

As imagens acima ilustram os quatro passos do processo que utilizamos para desenvolver o estêncil grafite no CAPS-ad. No primeiro e segundo passos, começamos pela escolha da imagem ou desenho pelo adolescente. Depois de escolhido, redesenhamos ampliando a imagem para uma escala urbana. Nessa etapa de escolha, procuramos fazer com que os adolescentes criassem suas próprias imagens, mas a maioria preferiu apropriar-se de imagens já prontas, o que para nós não tem relevância nesse momento, pois o importante era estimular o processo de participação.

O foco do processo terapêutico não está centrado apenas na imagem, mas nas possibilidades de fazer algo tão ou mais prazeroso que a droga, mostrando a esses adolescentes que existem outros caminhos, que é preciso pensar e refletir antes de agir, que podemos errar e corrigir mesmo quando pensamos não haver solução, ou ainda saber abrir espaços para coisas novas ou preencher os espaços vazios que possam existir.

Geralmente, os adolescentes apresentam uma dificuldade em desenhar livremente esta ampliação/re-elaboração da figura escolhida. Para facilitar esse processo, usamos o processo de desenho por quadrante, que facilita o processo de desenhar como também a ampliação da figura. (Ver imagens 1º e 2º passos).

Já no terceiro passo, depois de terminado o desenho e ampliado, copiamos o mesmo para um papel mais grosso, (geralmente utilizamos o papel cartão duplex 280grs, por ser resistente e fácil para recortar) para então iniciarmos o recorte com estilete.

Essa foi uma etapa na qual precisamos ter muita atenção para procedermos nesta atividade, pois o estilete pode causar acidentes ou mesmo ser utilizado como material perfurante pelos adolescentes que estejam mais agitados pela abstinência, principalmente o usuário de crack. É importante ressaltar aqui que esse processo não é indicado em situações que os adolescentes estejam muito agitados e agressivos ou

para uso em instituições de regime fechado e por internamento compulsivo, devendo ter atenção especial e vigiada com os materiais cortantes. Nesses casos, o processo deve ser reconsiderado e deve se usar outro tipo de recurso ou técnica para fazerem os recortes necessários. Os adolescentes que retornam de internações prolongadas e em uso de medicamentos de contenção química também terão dificuldades em executar esta etapa por ter sua habilidade motora afetada pelos medicamentos. Também não recomendamos o uso desta atividade nesse caso.

No quarto passo, depois de recortado o molde (stencil), vamos para a aplicação na parede propriamente dita. Nessa etapa, podemos fazer o teste do estêncil antes de aplicar na parede, aplicando em um papel em branco, ou também usar esta imagem reproduzida em papel para elaboração de outros moldes para aplicação de cores no desenho escolhido. Observamos que os adolescentes se surpreendem pelo resultado do desenho e pelo fato de usarem a pistola de ar e o compressor para pintar. Esse equipamento por si só já serviu de estímulo e curiosidade para a participação da atividade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Apesar das dificuldades em encontrarmos bibliografia específica que trate deste assunto, buscamos construir um caminho que foi se escrevendo na prática com acertos e erros, focados no contexto terapêutico, porém, sem perder de vista os preceitos da arte e da arte-educação necessários para desenvolvimento do fazer artístico e seu entendimento.

Seguindo e acreditando no pensamento de Barreira (2012), de que a arte é uma inesgotável fonte de criação que pode atrair, envolver e emocionar o ser humano, podendo levá-lo a um mergulho dentro de si mesmo em busca de suas verdades. Para isso, é preciso se valer da reflexão de que o conhecimento e o fazer artístico propiciam conhecimento a quem nele mergulha (BARREIRA E BRASIL, 2012 p.19).

Ao observamos hoje as paredes do Caps-ad, podemos perceber que, com o passar dos anos, fomos construindo uma coleção de imagens que modificaram a paisagem

externa e interna desta unidade. Paredes que carregam sentimentos, significados e nos mostram a toda hora a presença e a lembrança destes adolescentes que deixaram suas marcas. Quando outros adolescentes entram para o tratamento, passam a olhar com curiosidade para essas figuras e comumente nos perguntam: “Quem fez estas pinturas? Também quero fazer!”.

O uso do grafite (neste caso a técnica de estêncil) como atividade expressiva para o tratamento em dependência química com adolescentes mostrou-se uma forma efetiva de valorizar e mostrar as potencialidades desses adolescentes sem o uso da droga, reforçando positivamente a autoestima e a capacidade criativa desses (“eu sou capaz de fazer”), demonstrando a eles mesmos que possuem habilidades que antes não conheciam. Não sabiam serem capazes de: “desenhar, ampliar um desenho, de pintar, ou combinar as cores” ou estabelecer um novo canal de comunicação e expressão dentro do espaço de tratamento, que os levasse a superarem seus problemas. Reforça-se assim a capacidade de mudança, de refazer novos caminhos, de superar seus erros ou corrigi-los, como quando erramos ao recortarmos um traço no estêncil e reconstituímos com fita adesiva, e refazendo um novo recorte, ou preenchermos estes espaços vazios da vida com novas falas, posturas, cores, significados e emoções. Segundo Philipini:

[...] as atividades artísticas utilizadas configurarão uma produção simbólica, concretizada em inúmeras possibilidades plásticas, diversas formas, cores e volumes, etc. Esta materialidade permite o confronto e gradualmente a atribuição de significado às informações provenientes de níveis muito profundo da psique, que pouco a pouco serão apreendidos pela consciência. (*apud* COUTINHO, 2005, p.46)

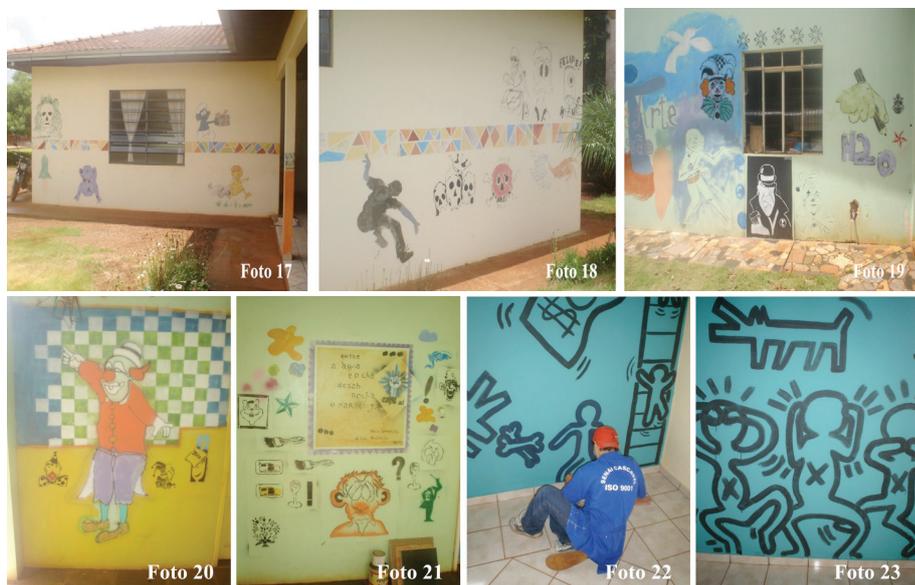
Uma das pinturas mais interessantes realizadas no CAPS-ad de Cascavel foi, sem dúvida, o projeto de elaboração do painel “Graffiti no Rango” (foto 16), realizado coletivamente por vários adolescentes em 2007.⁴

4 O vídeo do processo do projeto pode ser acessado no seguinte endereço virtual: www.capsadecascavel.blogspot.com,



Foto 16 – Projeto *Graffiti no Rango* realizado na parede do refeitório do CAPS-ad pelos adolescentes em 2007.

Abaixo temos imagens de alguns exemplos realizadas no CAPS-ad Cascavel, desde a entrada na recepção da unidade até nos espaços externos como muros, pista de skate e ateliê de artes e expressão que foram ocupados por grafitagens dos adolescentes em tratamento.



Fotos 17 a 23 - Conjunto de fotos de grafites realizados nas paredes do CAPS-ad.

Este processo do estêncil grafite também pôde ser utilizado para outras atividades expressivas como customização de camisetas e cadeiras desta unidade de saúde, mostrando

assim, a versatilidade da atividade artística como podemos ver nas fotos abaixo:



Fotos 24 e 25 – Exemplos de camiseta e cadeiras realizadas a partir do processo estêncil grafite e grafitegem respectivamente.

O grafite transformou os ambientes desta unidade como também o mundo interior destes adolescentes que marcaram as paredes desta unidade com seus nomes e imagens deixadas ali para os outros que viessem, servindo de estímulo para a adesão ao tratamento e mesmo para a participação nas oficinas terapêuticas de modo geral dentro dos planos terapêuticos programados. Esperamos que estes adolescentes, assim como mudaram a paisagem interna e externa do Caps ad, também tenham modificado seu universo interior, na realização dessa atividade criativa, prazerosa e expressiva. Sabemos que esta ação vai além do simples colorir as paredes, mas é uma ação carregada de intenções e significados de histórias de vida e da necessidade de proteção a vida deste adolescente que necessita de cuidados, necessita de ser percebido, escutado e, principalmente, acreditado – um dos papéis da arte.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBIERI, C.P. - **Lygia Clark, da vida à arte e de volta à vida**. Estudos de Psicanálise Salvador, n. 31, p. 36-42. Outubro/ 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372008000100005&script=sci_arttext. Acessado em 10/06/2013.

BARREIRA, M., BRASIL, N. – **Arteterapia e a história da Arte: técnicas expressivas e terapêuticas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

BEDOIAN, G. & MENEZES, K. org. – **Por trás dos muros: Horizontes sociais do graffiti**. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2008.

COUTINHO, V. – **Arteterapia com Crianças** – Rio de Janeiro: WAK Ed., 2005.

CRISTO, E.C. e SILVA, G. M. D. **Criatividade e arteterapia**. Wak Editora, 2009.

DUTRA, L. R. **A escrita das ruas em Porto Alegre: a pichação e o grafite**. Disponível em : < www.2.uerj.br/tiolabore/pop15/cquestoes/sociedade_2.main.htm -24> Acesso em: 26 julho 2006.

GITAY, C.- **O que é graffiti?**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. **Eixo Curatorial 98**: São Paulo, 1998. Catálogo de exposição.

KOPPE, J. **Para espantar cinza**. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 de set/ 2005. Caderno G, Visuais.

LARA, A.H. **Grafite Arte Urbana em Movimento**. São Paulo, 1996. 153 f.

Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.artgaragem.com.br/grafite/paginas/introdod.doc>. Acesso em: 26 julho 2006.

MANCO, T. **Street Logos**. - London: Thames & Hudson, 2004.

_____. **Stencil Graffiti**. - London: Thames & Hudson, 2002.

PAIN, S. & JARREAU, G. **Teoria e Técnica da Arteterapia**, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas SUL Ltda, 1994.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Arte/ Secretaria de Educação Fundamental. 2.ed. □ Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 130p.:Il.: volume 6.

ROCHA, D. L. C.. **Brincando com a criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

ROLNIK, Suely. **Lygia Clark e o híbrido arte/clínica**. 1996. Disponível em: <HTTP://pucsp.br/nucleosubjetivadede/suely%20rolnik.htm>. Acessado em: 10/06/2013.

SILVA, Renata Carvalho da, IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. **A possibilidade de um “não-possível”: O grafite em uma perspectiva didática**. Disponível em http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/A_POSSIBILIDADE_DE_UM_NAO-POSSIVEL_O_GRAFITE%20EM_UMA_PERSPECTIVA_DIDATICA.pdf. Acessado em 10/6/2003.